

O CONCEITO DE ESPAÇO EM MILTON SANTOS E DAVID HARVEY: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

Fábio Rodrigues da Costa

Doutor em Geografia pela UEM e professor na UNESPAR Campus de Campo Mourão
fabiorcmestrado@bol.com.br

RESUMO: O presente estudo tem como intuito principal analisar as contribuições teóricas do geógrafo brasileiro Milton Santos e do geógrafo britânico David Harvey sobre o conceito de espaço com a finalidade de compreender as posições e produções realizadas pelos respectivos autores. A pesquisa se justifica em razão da importância que o conceito possui, visto que na atualidade, seguramente é considerado como o objeto de estudo da geografia, o que requer aprofundamento teórico e epistemológico. Desta maneira, com o presente texto procuramos contribuir para uma melhor compreensão dos avanços teóricos sobre o conceito de espaço na geografia e indicar possíveis articulações nas obras dos autores.

Palavras-chave: Espaço; Conceito; Epistemologia.

THE CONCEPT OF SPACE IN MILTON SANTOS AND DAVID HARVEY: A FIRST APPROXIMATION

ABSTRACT: The aim of the study is analyze the theoretical contributions of the brazilian geographer Milton Santos and of the British geographer David Harvey on the concept of space. The research is justified because of the importance that the concept of space has, being at present, considered as the object of study of the geography, which requires further theoretical and epistemological concept. This manner, with this text we seek to contribute to a better understanding of the theoretical advances on the concept of space in the geography and indicate possible articulations in the works of authors.

Keywords: Space; Concept; Epistemology.

INTRODUÇÃO

O estudo tem a intenção de analisar as discussões e contribuições dos geógrafos Milton Santos e David Harvey sobre o conceito de espaço; bem como procurar, em uma primeira aproximação, as articulações existentes em suas obras. O tema é de grande valor e relevância teórica para a geografia, visto que o espaço, e em especial o espaço geográfico, é atribuído como seu objeto de estudo. Assim, compreende-lo como dinâmico, resultado do trabalho dos seres humanos, em movimento dialético e em contínua transformação permite avançar epistemologicamente.

A justificativa para a realização do estudo é oriunda da necessidade de aprofundar o debate e estimular a análise crítica da realidade a partir do conceito de espaço. Visto que, embora tal fato venha mudando, ainda é comum o entendimento do espaço como vazio, como vácuo, estático e sem articulação. Também se justifica em virtude das profundas transformações ocorridas no período de globalização que estabeleceram novas dinâmicas fazendo necessário atualizar ou até mesmo rever os conceitos. Neste sentido, foi fundamental o papel intelectual desempenhado por Milton Santos e David Harvey na definição do conceito de espaço em um mundo em movimento contínuo, onde a técnica e a informação desempenham função chave.

Para entender a contribuição de Milton Santos foram verificadas duas obras: a primeira ‘Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional’ que congrega um conjunto de textos escritos pelo autor e publicados em diferentes revistas ou apresentados em conferências e que discutem sobre o espaço em tempos de globalização, destacando o papel exercido pela técnica, pela ciência e pela informação. A segunda obra é intitulada ‘Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal’ na qual o autor procura explicar o processo de globalização e as possibilidades de construção de um outro mundo possível, indicando alternativas.

Visando compreender a contribuição de David Harvey foram averiguados os seguintes trabalhos: ‘A produção capitalista do espaço’ que reúne artigos escritos pelo autor e publicados em diferentes revistas e posteriormente reunidos na forma de livro e que propõe compreender o avanço e expansão do modo de produção capitalista e sua articulação com a produção do espaço. O artigo ‘O espaço como palavra-chave’ que apresenta uma valorosa definição sobre o conceito

de espaço e suas múltiplas possibilidades de aplicação e uso e o livro 'Espaços de esperança' no qual o autor elabora uma refinada discussão sobre a utopia e reforça a relação espaço-tempo.

Tanto Milton Santos como também David Harvey possuem vasta obra dedicada a geografia sustentada pelo método de interpretação materialista histórico dialético, permitindo a produção de um pensamento crítico e engajado na transformação. Os autores são daqueles raros intelectuais que não tratam o marxismo de maneira ortodoxa ou superficial, pois procuram preencher as lacunas deixadas por Marx, avançando teoricamente. A análise das suas obras oferece instrumental metodológico e teórico para compreender o conceito de espaço em profundidade, o que possibilita melhor entendimento sobre o mundo contemporâneo no período atual.

MILTON SANTOS: ESPAÇO E GLOBALIZAÇÃO

O baiano Milton Santos é considerado como um dos mais eminentes estudiosos da geografia brasileira. Viveu no exílio e trabalhou na França, Canadá, Estados Unidos, Venezuela e Tanzânia, retornando ao Brasil em 1977. É autor de inúmeros livros e artigos e sua obra tem desdobramentos nacionais e internacionais, sendo contemplado com o prêmio *Vautrin Lud* - considerado no meio acadêmico como o Nobel da Geografia - no ano de 1994, em reconhecimento a sua contribuição.

Em suas pesquisas está efetivamente preocupado em compreender e analisar as transformações socioespaciais permeando pela escala local e mundial com propriedade e rigor investigativo. Argumenta que o espaço é uma dessas palavras que possuem uma multiplicidade de sentidos, o que torna necessário estabelecer uma definição conceitual apropriada para a geografia.

Conforme Elias (2003), na obra de Milton Santos:

[...] ganha força a totalidade como componente do método; a idéia da epistemologia do espaço; a necessidade de compreensão das principais características da contemporaneidade, da aceleração contemporânea. [...] destaca a importância de que o espaço seja estudado não somente na sua forma mas também na sua estrutura, no seu processo e na sua função. [...] ganha força o estudo das relações entre técnica e espaço, das repercussões espaciais da

revolução tecnológica, consagrando o período histórico como técnico-científico-informacional, cujo registro no espaço é o meio técnico-científico-informacional, consequência espacial do período marcado pela globalização da produção e do consumo. (ELIAS, 2003, p. 137).

Para Santos (2008) o papel do intelectual é atualizar os conceitos e realizar uma análise crítica da sociedade. Justifica que existem dois novos fenômenos considerados como a base para a explicação do espaço em sua nova realidade, ou seja, o período técnico-científico-informacional:

De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica, pelo fato de que, em todos os lugares (norte e sul, leste e oeste), os conjuntos técnicos presentes são *grosso modo* os mesmos, apesar do grau diferente de complexidade; e a fragmentação do processo produtivo em escala internacional se realiza em função dessa mesma unicidade técnica. (SANTOS, 2008, p. 118).

Assim, pela primeira vez na história da humanidade um sistema de técnicas se faz presente em praticamente todos os lugares, esse sistema permite maior fluidez e velocidade para as ações do capital que sempre procura se expandir.

A partir da década de 1990 o autor concentra os seus esforços em verificar as contradições e os desdobramentos do processo de globalização e como se caracteriza o espaço geográfico nesta fase. Desta maneira, define o espaço como:

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

Percebemos que a palavra dinâmica é utilizada para caracterizar o movimento, a transformação e até mesmo as contradições presentes no espaço. Com referência aos objetos, eles são cada vez mais produtos da ação humana através do trabalho do que naturais e seu valor no modelo atual está na sua eficácia, na sua contribuição para a produtividade.

É a primeira vez na história que esse sistema de objetos tende a ser o mesmo em toda parte (computador, satélites artificiais, torres, internet, transmissão de informação, telefonia móvel, etc.), são técnicos e representam um sistema técnico interligado.

Na história da humanidade é a primeira vez que tal conjunto de técnicas envolve o planeta como um todo e faz sentir, instantaneamente, sua presença. Isso, aliás, contamina a forma de existência das outras técnicas, mais atrasadas. As técnicas características do nosso tempo, presentes que sejam em um só ponto do território, têm uma influência marcante sobre o resto do país, o que é bem diferente das situações anteriores. Por exemplo, a estrada de ferro instalada em regiões selecionadas, escolhidas estrategicamente, alcançava uma parte do país, mas não tinha uma influência direta determinante sobre o resto do território. Agora não. A técnica da informação alcança a totalidade de cada país, direta ou indiretamente. Cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros. (SANTOS, 2004, p. 25-26).

Já as ações são envolvidas por uma racionalidade que na maioria das vezes está a serviço dos agentes hegemônicos e por isso é uma ação pragmática e intencional, às vezes estranha ao local. Estranha porque as mudanças espaciais são pensadas e (re)construídas a partir de uma ordem que pode vir de longe e interferir direta ou indiretamente no cotidiano das pessoas.

Os sistemas de objetos influenciam os sistemas de ações, os sistemas de ações influenciam os sistemas de objetos. Os sistemas de objetos e os sistemas de ações estão indissolúvelmente juntos e a soma e interação compreende o espaço. Para estudar o espaço é necessário verificar as articulações e influências existente entre os sistemas de ações e os sistemas de objetos.

Com a globalização, que “[...] constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em ‘sistema-mundo’ de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos” (SANTOS, 2008, p. 45), ciência, técnica e informação assumem papel fundamental. Com isso:

A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesma de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço, da mesma forma que participam da criação de novos processos vitais [...]. Os espaços, assim requalificados, atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da

sociedade, e desse modo são incorporados plenamente as correntes de globalização. (SANTOS, 2008, p. 48).

Porém a ciência, a técnica e a informação não se distribuem de maneira homogênea no planeta, o que estabelece desigualdades de um novo tipo. Existem áreas de densidade ('luminosas') e áreas quase vazias ('opacas'), e uma variedade de situações intermediárias.

Nas áreas luminosas, controladas e comandadas por ações hegemônicas, existem pesados investimentos em ciência e inovação técnica que permitem grande fluidez e velocidade para os fluxos de capitais, serviços e mercadorias. Nas áreas opacas os investimentos são pequenos e os fluxos mais lentos. Assim, no espaço existem e convivem fluxos mais velozes e eficientes e fluxos mais lentos.

No entendimento de Santos (2008, p. 101) "Os espaços comandados pelo meio técnico-científico são os espaços do mandar, os outros são os espaços do obedecer. O espaço global é oriundo de todos os objetos e fluxos." Desta maneira:

[...] o espaço global seria formado de redes desiguais que, emaranhadas em diferentes escalas e níveis, se sobrepõem e são prolongadas por outras. [...] o todo constituiria o espaço banal, isto é, o espaço de todos os homens, de todas as firmas, de todas as organizações, de todas as ações – numa palavra, o espaço geográfico. (SANTOS, 2008, p. 50).

O espaço geográfico agrupa horizontalidades e verticalidades. As horizontalidades são entendidas pelo autor como o domínio de um cotidiano territorialmente compartilhado, um conjunto de lugares contíguos onde se exerce uma solidariedade. As verticalidades são pontos a serviço dos atores hegemônicos que estabelecem uma hierarquia entre os lugares que são controlados a distância.

De um lado, há espaços contínuos, formados de pontos que se agregam sem descontinuidade, como a definição tradicional de região. São as horizontalidades. De outro, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da econômica. São as verticalidades. Os espaços se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. (SANTOS, 2008, p. 88).

O aprofundamento da globalização no período atual e a tensão existente entre horizontalidades e verticalidades elevam o tensionamento entre globalidade e localidade, entre o mundo e o lugar. Inúmeras vezes as ações e decisões tomadas em um lugar provem de ordens vindas de longe, o que causa certo estranhamento para quem vive o lugar.

Com relação ao mundo no período de globalização, Santos (2004, p. 18) argumenta que “[...] devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só.” São eles: a globalização como fábula, a globalização como perversidade e o mundo como possibilidade - uma outra globalização.

O mundo como fábula é o mundo tal como nos fazem crer. A ideia de fábula provem da difusão de termos como aldeia global, o mundo ao alcance das mãos de todos, o encurtamento das distâncias para todos e a morte do Estado. Tais orientações são oriundas das racionalidades dos atores hegemônicos que controlam a informação e a utilizam de maneira tendenciosa com o objetivo de por em prática os seus planos nos locais que mais interessam e com isso elevar os lucros.

A perversidade se trata do mundo como ele realmente é. Um mundo no qual para a “[...] maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades.” (SANTOS, 2004, p. 19).

A perversidade da globalização ocorre em virtude do controle das técnicas e o seu uso político está concentrado nas mãos dos atores hegemônicos que as utilizam para atingir seus objetivos em detrimento dos interesses e necessidades da maior parte da população mundial. Com isso uma pequena parcela da população mundial concentra e controla o capital e a grande maioria enfrenta sérios problemas nas seguintes áreas: saúde, educação, renda, habitação, segurança e qualidade de vida.

Porém é possível outra globalização através de um mundo mais humano. “Uma outra globalização supõe uma mudança radical das condições atuais, de modo que a centralidade de todas as ações seja localizada no homem.” (SANTOS, 2004, p. 147). Para isso é necessário alterar o uso da técnica e o rumo da política. É preciso esclarecer que o problema da perversidade não está ligado à técnica em si, mas ao uso político da técnica. Um outro uso político da técnica orientado para atender as necessidades dos que precisam é o caminho para a construção de uma sociedade mais justa e verdadeiramente centrada nas pessoas.

Outro ponto importante considerado é que o aprimoramento das técnicas, em especial o computador, permite a redução no custo, o que torna possível o uso ampliado pela população, se tornando uma ferramenta valiosa para a transformação da sociedade.

A técnica das máquinas exigia investimentos maciços, seguindo-se a massividade e a concentração dos capitais e do próprio sistema técnico. Daí a inflexibilidade física e moral das operações, levando a um uso limitado, direcionado, da inteligência e da criatividade. Já o computador, símbolo das técnicas da informação, reclama capitais fixos relativamente pequenos, enquanto seu uso é mais exigente de inteligência. O investimento necessário pode ser fragmentado e torna-se possível sua adaptação aos mais diversos meios. Pode-se até falar da emergência de um artesanato de novo tipo, servido por velozes instrumentos de produção e de distribuição. (SANTOS, 2004, p. 164).

O computador e a internet abrem novas possibilidades rumo à transformação social, visto que permitem, por exemplo, canais de comunicação direta que rompem com a hegemonia da informação mantida pela grande mídia que é controlada por pequenos grupos e está a serviço do grande capital. Com um computador ligado a rede de internet é possível a determinados grupos sociais contar sua própria história sem a necessidade de intermediários. Além disso, abre caminho para canais de discussão e debates críticos. Com isso manifestações virtuais se materializam nas ruas. Porém, como argumenta o autor, a tomada de consciência rumo à construção de uma nova sociedade não ocorre ao mesmo tempo para todos.

O processo de tomada de consciência – já o vimos – não é homogêneo, nem segundo os lugares, nem segundo as classes sociais ou situações profissionais, nem quanto aos indivíduos. A velocidade com que cada pessoa se apropria da verdade contida na história é diferente, tanto quanto a profundidade e coerência dessa apropriação. [...] O passo seguinte é a obtenção de uma visão sistêmica, isto é, a possibilidade de enxergar as situações e as causas atuantes como conjuntos e de localizá-los como um todo, mostrando sua interdependência. A partir daí, a discussão silenciosa consigo mesmo e o debate mais ou menos público com os demais ganham uma nova clareza e densidade, permitindo enxergar as relações de causa e efeito como uma corrente contínua, em que cada situação se inclui numa rede dinâmica, estruturada, à escala do mundo e à escala dos lugares. (SANTOS, 2004, p. 168).

Atualmente não é mais possível pensar o conceito de espaço sem considerar o processo de globalização e o período técnico-científico-informacional e suas nuances permeando entre as escalas: i) o nível planetário; ii) o nível nacional e iii) o nível regional e local. A unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e o motor único (mais-valia globalizada) resultam em uma globalização perversa, porém é possível outro uso político com novas formas de ações e valores.

DAVID HARVEY: ESPAÇO E TEMPO - MATERIALISMO HISTÓRICO GEOGRÁFICO

David Harvey é um geógrafo britânico formando na Universidade de Cambridge. Atualmente atua como professor de antropologia e geografia no *Graduate Center of the City University of New York*. Também foi contemplado com o prêmio *Vautrin Lud*, recebido no ano de 1995, em razão da importante contribuição oferecida para a geografia. Entre as principais obras estão: *A justiça social e a cidade* (de 1973), *Os limites do Capital* (de 1982), *Condição Pós-moderna* (de 1989), *Espaços de esperança* (de 2000), *A produção capitalista do espaço* (de 2001), *O enigma do Capital* (de 2011) e *Para entender o Capital* (de 2013). Possui sólida formação marxista e procura atualizar os conceitos levando em consideração as lacunas existentes e as novas dinâmicas. Seus estudos estabelecem interações e diálogos com a economia, ciência política e antropologia; o que faz do autor referencia teórica não somente na geografia.

Harvey (2006) elaborou forte crítica com relação à falta de preocupação com o conceito de espaço nas ciências humanas e nas ciências sociais e argumenta que tanto a geografia como o espaço não foram apropriadamente investigados e analisados:

Marx, Marshall, Weber e Durkheim tinham isso em comum: davam prioridade ao tempo e à história e não ao espaço e à geografia, e, quando tratavam do espaço e da geografia, tendiam a considerá-los de modo não problemático, enquanto contexto ou sítio estável para a ação histórica. (HARVEY, 2006, p. 142).

No caso de Marx, em uma análise atenta da sua obra é possível verificar uma preocupação com o espaço e o lugar. Porém, a questão central é que o espaço não foi integrado em suas formulações teóricas que priorizaram o tempo.

O autor entende que é necessário criar e inserir uma teoria espacial. Com base no exposto argumenta que a tarefa atual é elaborar uma teoria das relações espaciais e do desenvolvimento geográfico no capitalismo que permita explicar a evolução e as funções do Estado, do desenvolvimento geográfico desigual, das desigualdades inter-regionais, do imperialismo e a urbanização. Assim: “A geografia histórica do capitalismo deve ser o objeto de nossa teorização enquanto o método de inquirição deve ser o materialismo histórico-geográfico.” (HARVEY, 2006, p. 144). Tal orientação procura verificar as interações entre espaço e tempo sem privilegiar um ou outro.

O autor parte do pressuposto de que para entender a sociedade atual e a sobrevivência do modo de produção capitalista é preciso atentar para as relações entre espaço e tempo. Assim, retoma a importância do conceito de espaço para as ciências humanas e sociais discutindo o ajuste espacial.

O desenvolvimento desimpedido do capitalismo em novas regiões é uma necessidade absoluta para a sobrevivência do capitalismo. Essas novas regiões são os lugares onde o excesso de capitais superacumulados podem mais facilmente ser absorvidos, criando novos mercados e novas oportunidades de investimentos rentáveis. (HARVEY, 2006, p. 118).

Cita como exemplo que no século XIX os Estados Unidos da América absorveram grandes quantidades de capitais excedentes oriundos da Grã-Bretanha, assim como no período pós Segunda Guerra Mundial a ex-Alemanha Ocidental e o Japão absorveram capitais excedentes dos Estados Unidos. Ainda para o autor:

A expansão geográfica e a intensificação do capitalismo são uma revolução realizada durante muitos anos. Enquanto as crises local, regional e de mudança são algo normais para o funcionamento desse processo, a construção de uma crise verdadeiramente global do capitalismo depende do esgotamento das possibilidades para novas transformações revolucionárias ao longo do curso do capitalismo. Isso não depende da capacidade de propagar novas forças produtivas pela face da Terra, mas sim da oferta de nova força de trabalho,

trazendo-nos de volta à questão da acumulação primitiva. (HARVEY, 2006, p. 118).

Conforme sua argumentação, a função da teoria espacial, em uma sociedade em que predomina do modo de produção socialista, possui como finalidade produzir representações dinâmicas de como as contradições se manifestam através das transformações histórico-geográficas.

Com base no exposto Harvey (2012) defende que o espaço é uma palavra-chave, complexa, cujo significado e conceito deve ser decifrado. Em sua exposição alega que o espaço pode ser avaliado a partir de uma divisão tripartite: espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional.

O espaço absoluto é fixo e onde são registrados ou planejados os eventos. É o espaço de Newton, Descartes e Euclides. Refere-se ao espaço do mapeamento cadastral, da localização e posição, da propriedade privada, das cidades, de um condomínio fechado, das fronteiras e barreiras físicas, de entidades delimitadas como o Estado ou uma unidade administrativa. Tem papel importante para a localização e representação através de mapas dos pontos fixos.

O espaço relativo está ligado a Einstein e as geometrias não-euclidianas e se apresenta em dois sentidos: há múltiplas geometrias que podem ser escolhidas e o quadro espacial depende do que está sendo relativizado e por quem. O espaço relativo oferece uma multiplicidade de localizações e o autor cita que é possível fazer mapas completamente diferentes de localizações relativas em termos de custo, tempo, modo de transporte, etc. É o espaço da circulação e dos fluxos, das cartas temáticas, do movimento, da mobilidade, da aceleração e compressão do espaço-tempo.

O espaço relacional está associado a Leibniz. A noção relacional implica a ideia de relações internas. Um evento não pode ser compreendido a partir de um único ponto, depende de tudo que ocorre ao seu redor. Nesta formulação, assim como no caso do espaço relativo, é impossível separar espaço e tempo. É o espaço das sensações, desejos, frustrações, sonhos e vertigem. Também se refere ao ciberespaço, que está sendo cada vez mais objeto de estudo por parte dos geógrafos.

Na avaliação de Harvey (2012) a contribuição de Lefebvre é importante ao também definir o espaço de maneira tripartite: espaço material (o espaço da experiência e da percepção aberto ao toque físico), a representação do espaço (o espaço como concebido e representado) e o espaço de representação (o espaço vivido, das sensações, das emoções e significados).

Com base no espaço absoluto, relativo e relacional e inserindo a proposta de Lefebvre de espaço material, representação do espaço e espaço de representação e dentro da dialética marxiana, Harvey propõe o seguinte matriz (quadro 1).

Quadro 1 - Matriz espaço-temporal para a teoria Marxiana.

	Espaço Material (da experiência)	Representações do espaço (espaço concebido)	Espaços de representação (espaço vivido)
Espaço absoluto	Mercadorias úteis, processo de trabalho concreto, notas e moedas (dinheiro local), propriedade privada, fronteiras do Estado, capital fixo, usinas, ambientes construídos, espaços de consumo, piquete de greve, espaços ocupados (<i>sit-ins</i>), tomada da Bastilha ou do Palácio de Inverno.	Valores de uso e trabalho concreto Exploração do processo de trabalho (Marx) vs trabalho como jogo criativo; mapas de propriedade privada e de exclusões de classe; mosaico de desenvolvimentos geográficos desiguais.	Alienação vs satisfação criativa; individualismo isolado vs solidariedades sociais; lealdade ao lugar, à classe, à identidades, etc.; privação relativa, injustiça; falta de dignidade; raiva vs satisfação.
Espaço (tempo) relativo	Troca material, comércio, circulação e fluxo de mercadorias, energia, força de trabalho, dinheiro, crédito ou capital, percursos periferia-centro da cidade e migração, depreciação e degradação, fluxo de informação e agitação do fora.	Valor de troca (valor em movimento) Esquemas de acumulação; cadeias de mercadorias; modelos de migrações e de diásporas; modelos de <i>input-output</i> , teorias de 'fixos' espaço-temporais, aniquilação do espaço pelo tempo, circulação do capital através do ambiente construído; formação do mercado mundial, redes; relações geopolíticas e estratégias revolucionárias.	Fetichismo da mercadoria e do dinheiro (desejo perpétuo insatisfeito); ansiedade/ euforia face à compressão espaço-temporal; instabilidade; insegurança; intensidade da ação e do movimento vs repouso; 'tudo que é solido desmancha no ar'...
	Processo de trabalho abstrato, capital fictício; movimentos de resistência; manifestações repentinas e	Valores-dinheiro O valor como tempo de trabalho socialmente necessário; como trabalho	Valores Hegemonia capitalista ('não há alternativa'); consciência proletária;

Espaço (tempo) relacional	irrupções expressivas de movimentos políticos (anti-guerra, 1968, Seattle...), ‘o espírito revolucionário desperta’	humano objetivado em relação com o mercado mundial; as leis do valor em movimento e o poder social do dinheiro (globalização); esperanças e medos revolucionários; estratégias de mudança.	solidariedades internacionais, direitos universais; sonhos utópicos; multidão; empatia com os outros; ‘um outro mundo é possível’
---------------------------	---	--	---

Fonte: Harvey (2012).

As máquinas, mercadorias, fábricas, estradas, casas, e processos de trabalho real podem ser compreendidos no âmbito do quadro de espaço e tempo absolutos. O que se refere ao valor de troca apresenta uma perspectiva de espaço-tempo relacional, pois a troca implica movimento de mercadorias, de dinheiro, de pessoas e de capital.

No quadro relativo o que importa é o movimento e a troca derruba as barreiras do espaço e do tempo. Já o valor é um conceito relacional e a única forma de aproximação ocorre via as relações estabelecidas entre as pessoas e entre as coisas, pois o valor é uma relação social. O espaço relacional abre caminho para a subjetividade.

Para o autor os três quadros espaço-temporais têm que ser mantidos em tensão dialética uns com os outros e não se pode estabelecer nenhuma prioridade:

Não existiria, por exemplo, nenhum valor no espaço-tempo relacional sem trabalhos concretos construídos em inumeráveis lugares no espaço e tempo absolutos. Nem o valor emergiria como um ‘poder imaterial mas objetivo’ sem os inumeráveis atos de troca, os processos de circulação contínuos que mantêm o conjunto do mercado mundial no espaço-tempo relativo. O valor é, portanto uma relação social que internaliza toda a história e a geografia do trabalho concreto no mercado mundial; expressa as relações sociais (principalmente, mas não exclusivamente, de classe) construídas pelo capitalismo na escala mundial. (HARVEY, 2012, p. 26).

Não reconhecer a interação entre os diferentes quadros espaço-temporais é um erro analítico e muitas discussões sobre as relações local-global se tornaram uma desordem conceitual devido a não compreensão das diferentes espaço-temporalidades envolvidas. É importante atentar para tensão dialética entre o material, o concebido e o vivido.

A proposta do autor avança epistemologicamente rumo à compreensão do espaço-tempo relacional tendo como perspectiva o espaço vivido, considerando as sensações e emoções sem negar a materialidade e os pontos fixos presentes no espaço absoluto. A força analítica está na interação e na tensão dialética.

No livro ‘Espaços de Esperança’, em especial nos capítulos: os espaços de utopia e utopismo dialético, o autor demonstra intensa preocupação com as profundas contradições existentes no espaço urbano, na qual a política pública em parceria com a iniciativa privada produzem espaços destinados a reprodução do capital em detrimento do uso pela população mais pobre. “Mas como chegamos a nos convencer de que ‘não há alternativa’? [...] É simplesmente porque nos faltam a vontade, a coragem e a perspicácia para propor alternativas e buscar ativamente pô-las em prática? Ou há aí algo mais em ação?” (HARVEY, 2004, p. 206).

Por um lado as práticas neoliberais, através do controle dos meios de comunicação, trabalham para criar um contexto no qual fazem acreditar que não existe alternativa. Com isso foi posto em prática um utopismo de mercado (baseando no livre mercado proposto por Adam Smith), que materializado promove concentração de renda, desenvolvimento geográfico desigual, solapamento da coesão social e dos poderes do Estado, destruição cultural e degradação ambiental. Para o autor grande parte da transformação da superfície da Terra realizadas nos últimos duzentos anos revela a materialização da forma de utopismo do processo de livre mercado com permanente reorganizações de formas espaciais construídas e destruídas para acomodar a dinâmica implacável e interminável da acumulação de capital.

Por outro lado é necessário à reflexão crítica que permita enfrentar o utopismo oculto como ressuscita-lo para agirmos como arquitetos no nosso destino ao invés de impotentes marionetes. Em razão dos defeitos das utopias como forma espacial e como processo social a alternativa é a construção de um utopismo espaço-temporal.

Em ao menos um aspecto Marx e Unger fazem causa comum. Eles insistem que o futuro tem de ser construído não segundo algum molde utópico fantástico, mas por meio de transformações tangíveis das matérias-primas que temos à disposição em nossa atual condição. (HARVEY, 2004, p. 251).

Conforme compreende o autor existe momento em que as visões que propõem alternativas, mesmo que de maneira fantástica, oferecem uma base para moldar forças políticas transformadoras.

A concretização de um utopismo que integre processo social e forma espacial necessita de uma dialética capaz de operar em relação ao espaço e ao tempo. A dificuldade maior se encontra no fato de que a forma espacial materializada enfrenta a problemática do fechamento e da autoridade, sendo isso o que o utopismo do processo social foge de forma tão perigosa. Assim, “a tarefa consiste em determinar uma alternativa em termos que não alguma forma espacial estática ou mesmo algum processo emancipatório aprimorado. A tarefa é montar um utopismo espaço-temporal – um utopismo dialético[...]. (HARVEY, 2004, p. 258).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo não possui de forma alguma a ambição de esmiuçar a discussão e produção dos referidos autores sobre o conceito de espaço. O objetivo é apenas procurar em uma primeira aproximação as relações existentes. Entendemos que tanto Milton Santos como David Harvey se preocuparam com a falta de clareza conceitual para a definição de espaço na geografia, bem como com a necessidade de atualizar o conceito frente às novas dinâmicas do período atual e se debruçaram efetivamente na elaboração de uma epistemologia do espaço. Além disso, elaboraram um projeto emancipador e repleto de possibilidade para o futuro. Santos através da globalização como possibilidade e Harvey com o utopismo espaço-temporal.

Milton Santos avança a partir dos fixos e fluxos e propõe o conceito de espaço como conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações. Avalia que o período atual é caracterizado como técnico-científico-informacional e que os atores hegemônicos controlam a técnica através do uso político para atender aos seus objetivos. Neste sentido, os atores hegemônicos transitam com fluidez e velocidade entre as escalas em virtude do controle da técnica. Tal orientação estabelece uma globalização que se apresenta como ao alcance de todos, porém quando analisada em profundidade revela sua perversidade.

Em sua obra Milton Santos estabelece uma densa base teórica para a definição de espaço e vai além, pois também está preocupado com a operacionalidade do conceito para os estudos geográficos através da estrutura, forma, processo e função.

David Harvey em uma abordagem tripartite: espaço absoluto, espaço (tempo) relativo e espaço (tempo) relacional; adicionando a contribuição de Lefebvre com o espaço material, representações do espaço e espaços de representações (espaço vivido), e adicionando a teoria do valor de Marx, reafirma a necessidade de articulação entre espaço e tempo e elabora uma matriz conceitual complexa e rica em possibilidade analítica.

O autor também se dedicou em desvendar como o capital procura “fugir” ou mitigar as crises de superacumulação através do “ajuste espacial”. Com base na transferência de excedentes de capital e força de trabalho para outros países ou outras regiões o capitalismo consegue uma pausa para tomar fôlego e garantir sua sobrevivência. As crises não podem ser evitadas em longo prazo, porém com o ajuste espacial existe a possibilidade de que o longo prazo seja efetivamente muito longo. Porém, no longo prazo podem ocorrer crises de mudança profunda, que destroem as estruturas espaciais e reconstróem toda a geografia da acumulação do capital. A destruição física e a desvalorização forçada podem resultar em confronto miliar e a guerra surge como processo de formação e solução da crise. Com o ajuste espacial Harvey insere decisivamente o espaço na teoria marxiana.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Denise. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. **Geosul**. Florianópolis, v.18, n. 35, p. 131-148, jan./jun. 2003.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2006.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **Revista GEOgraphia**. Rio de Janeiro: UFF, v. 14, n. 28, p. 8 - 39, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Recebido em: 25/09/2013

Aceito em: 06/12/2013